



ARTE CONTEMPORÂNEA: UMA POSSIBILIDADE DE NOVOS CONHECIMENTOS PARA ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

ROSA VIRGÍNIA ROSALINO DAITX

¹ Especialista em Educação de Jovens e Adultos e Educação pela Diversidade, Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado PPGE/UNESC. rosadaitx@globocom.com

JUARES THIESEN

² Doutor em Ciências Pedagógicas - Instituto Central de Ciências Pedagógicas (Revalidado no Brasil pela UFSC). juares@ced.ufsc.br

Eixo Temático 4

Pesquisa em educação de jovens e adultos: tendências e perspectivas da pesquisa em EJA em diferentes Estados e Países

RESUMO

Este artigo é resultado de um projeto de pesquisa/intervenção, desenvolvido no curso de especialização, intitulado como “Educação de Jovens e Adultos e Educação na Diversidade”, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Foi realizado um trabalho interdisciplinar, com saída de campo para a Bienal do MERCOSUL em Porto Alegre/RS, afim de articular a arte contemporânea como concepção de educação no ensino da arte para Jovens e Adultos. O artista utilizado para mediar a proposta de ensino foi Eugenio Dittborn, que trabalhava com a linguagem de arte postal. A partir da pergunta: “Preferimos Calar?”, demos início a uma proposição de articulação da arte feita pelos correios. A proposta era refletir sobre a pergunta e responder no cartaz. Poderia ser recorte e colagem, desenho, pintura e outros. Do papel, chegamos à vídeo arte. Os educandos quiseram gravar um vídeo afirmando: “Não quero calar!”. A continuidade do projeto ocorreu no envio do mesmo para outras instituições de EJA e Instituto de Arte, para que professores propusessem aos seus estudantes responderem à pergunta: preferimos calar? O Instituto de Arte Contemporânea de INHOTIM/MG recebeu o projeto para desenvolver com seus estudantes. O retorno se encontra no seguinte endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=us6uDzkef44>.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade; Arte Contemporânea; Bienal do MERCOSUL; EJA.

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de um projeto de pesquisa/intervenção desenvolvido no curso de especialização intitulado “Educação de Jovens e Adultos e Educação na Diversidade”, da Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC. Uma das propostas da especialização constituiu-se na realização, pelos estudantes, de um projeto com a metodologia da pesquisa-ação. A Pesquisa-ação envolve o pesquisador, o sujeito e o problema diagnosticado. É uma ação conjunta entre pesquisadores e pesquisados, que propicia desenvolvimento crítico e oportuniza a autoformação e emancipação dos



sujeitos envolvidos. É uma dinâmica coletiva, reflexiva, que supera as condições de alienação gerando transformações e:

[...] a articulação de seus pressupostos ontológicos, epistemológicos e metodológicos, numa dinâmica pedagógica que deve produzir, nos sujeitos, envolvimento, participação, comprometimento e produção de saberes e produzir também conhecimentos novos a serem incorporados no campo científico (FRANCO, 2005,p. 497).

Visando atender a demanda do curso e optando por um projeto que levasse em conta a articulação do campo científico, na perspectiva da interdisciplinaridade, constituímos (Rosa Virgínia Daitx, M E e C M) um grupo de trabalho e decidimos, portanto, desenvolver um projeto único, já que fazíamos a mesma especialização e trabalhávamos na mesma instituição, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos. O projeto foi intitulado "Interdisciplinaridade na Educação de Jovens e Adultos: novas propostas pedagógicas para o ensino e aprendizagem". O trabalho foi desenvolvido no ano de 2011, com estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) Continente II, uma unidade de ensino situada no bairro Monte Cristo, com a comunidade Chico Mendes, na cidade Florianópolis/SC.

Segundo Luz (2003), a comunidade Chico Mendes está entre uma das mais pobres e violentas de Florianópolis. A condição econômica dos habitantes não permite que tenham acesso aos locais de lazer e nem que desfrutem da natureza proporcionada pelas praias de Florianópolis. A autora afirma que, além de todas as dificuldades de sobrevivência, os moradores são distinguidos por suas precárias condições de existência, em que a discriminação social é crescente. Dentro do bairro Monte Cristo existe uma divisão territorial e há espaços que incluem outras comunidades, chegando a um total de 25. São denominadas de modo diferentes, ou seja, há a comunidade da Chico Mendes, mas também a comunidade do Monte Cristo, Comunidade Novo Horizonte e assim sucessivamente.

Essas comunidades possuem regras de convivência que, pode-se dizer, estão inseridas culturalmente no contexto de quem, por razões de natureza socioeconômica, necessita viver no local. As regras são ditadas pelo tráfico de drogas que ocorre nas comunidades, e entre elas está a marcação de território, que determina o espaço pelo qual o morador pode circular ou não. Um dos exemplos de regras dessa marcação territorial é que quem mora no lado sul do Monte Cristo não pode Circular na Chico Mendes e vice e versa. Os moradores parecem acuados pelo medo. Medo este que



dificulta suas vidas e esconde vontades e sonhos, que muitos colocam à margem de realizações e que poderiam ser alcançadas com oportunidades de educação.

A instituição de Educação de Jovens e Adultos na qual desenvolvemos a pesquisa/intervenção é de responsabilidade da Prefeitura de Florianópolis. Para que a educação atinja um número maior de cidadãos, muitas vezes são necessárias estratégias e parcerias. O espaço onde ministrávamos a aula é de propriedade de uma ONG denominada Centro de Educação e Evangelização Popular (CEDEP), que atende crianças no período diurno e por isso possui sua estrutura física, inclusive as paredes, decoradas com motivos infantis. A princípio, isso pode não parecer um problema, no entanto, é uma dificuldade que se manifesta frente à identidade dos jovens e adultos que retornam à escola com outros interesses e perspectivas. Afinal, a grande maioria dos jovens e adultos frequentadores da EJA são sujeitos que se evadiram da escola ainda crianças e, por vezes, trazem consigo lembranças frustrantes de uma instituição onde não conseguiram dar continuidade a seus estudos durante a infância. É na infância que aprendemos a brincar, e brincando, nos expressamos. Outra maneira de nos expressarmos com liberdade, é quando nos apropriamos da arte e utilizamos da sua diversidade de expressão. Para este projeto, escolhemos a arte contemporânea para nos guiar em busca da expressão dos nossos estudantes.

ESPAÇO, LUGAR E MEMÓRIA

O retorno à escola, com espaços decorados com desenhos infantis, pode ativar uma memória passada. Para alguns estudantes, esta memória poderá trazer boas lembranças, já para outros não. Este espaço de memória infantil já não é mais o lugar desejado pelos estudantes da EJA, porque ao retornarem para instituição, suas expectativas são o ensino de jovens e adultos. Quando abordamos tal reencontro a partir do espaço, estamos de acordo com Bachelard (1988), que trata o espaço como um lugar de imaginação. Para o autor, o espaço percebido pela imaginação não pode ser indiferente ou ignorado, porque ele é um espaço vivido e guarda o tempo reprimido. Também poderíamos dizer que este espaço é o não-lugar dos estudantes da EJA. Este não-lugar, para Augê (1994), é um lugar de passagem, que não possui identidade e com o qual não se cria vínculo. Sendo assim, como deveríamos proceder para propiciar aos estudantes uma vivência com o espaço escolar onde estavam inseridos, sem que esta



fosse a vivência de uma memória infantil? Como inseri-los em um contexto adulto que oportunize lembranças de uma experiência significativa? Foi a partir dessas referências de espaço, memória e vivência que nos demos conta de que poderíamos trabalhar com assuntos atuais que problematizassem o mundo e a vida dos estudantes.

Problematizar o mundo em que vivem oportunizaria também a apropriação de conhecimentos na perspectiva da interdisciplinaridade e favoreceria para que, coletivamente, produzíssemos o que Certeau (1994) chama de “espaço praticado”, um conceito em que as problematizações referentes ao contexto vivido pelos estudantes possibilitam novas experiências e reflexões inseridas a partir de uma proposta de projeto, no qual eles têm o direito de escolher se querem ou não participar. Sustentadas nesses pressupostos, organizamos o projeto de intervenção, autorizando os estudantes a decidirem sobre a sua participação ou não na proposta de trabalho. Esta estimulou discussões em sala de aula sobre o que seria positivo ou negativo na proposta do projeto, e oportunizou o exercício da autoria, tão raro aos jovens e adultos nessa condição de escolaridade. Além disto, a proposta gerou maior relação de convivência e aproximação entre os estudantes.

Conhecer a arte contemporânea, compreender o que os artistas propõem com suas obras de arte e ver uma obra de arte pessoalmente, gerou em nossos estudantes a esperança e sonhos de viajarem para outra cidade e experienciarem a Bienal do Mercosul. E claro, caracterizou o espaço praticado pelo novo momento vivenciado naquele lugar que, primeiramente, lembrava um espaço feito para crianças.

PROJETO

A proposta de trabalho incluiu, dentre outras atividades, uma viagem de estudos para a Bienal do Mercosul em Porto Alegre- uma opção que integraria as áreas de conhecimento das três docentes/pesquisadoras envolvidas no projeto. A viagem, considerada a atividade central do trabalho, visou, portanto, integrar as áreas de conhecimento na direção da interdisciplinaridade como foco do trabalho pedagógico coletivo. Convidamos todos os professores do núcleo da EJA para participarem do projeto porque a arte contemporânea possui uma característica interdisciplinar.

Existem obras de arte que tratam o conceito de território, outras buscam discutir a política social, outras discutem comportamento humano. As propostas da arte



são muitas e sua diversidade pode ser explorada por diversos campos do conhecimento. Poder ver a obra de arte pessoalmente proporciona uma experiência estética¹. Porém, por motivos particulares, apenas a professora de artes Rosa e as colegas Cristiane, de geografia, e Maíra, de português, aceitaram o desafio das possibilidades que a interdisciplinaridade oferecia para a pesquisa a ser problematizada no evento da Bienal. Não iremos discorrer sobre todo o contexto que envolve uma Bienal, porém, falaremos um pouco sobre o que o evento significa.

A Bienal do Mercosul é um dos maiores eventos de arte contemporânea da América Latina. Ela reúne obras de diversos artistas da América Latina, que discutem acontecimentos históricos e culturais da atualidade. No ano de 2011, a Bienal do Mercosul abordou o tema “Ensaio da Geopoética”. A geopoética, por si só, reúne mais de um significado, o que nos possibilitou trabalhar na perspectiva da interdisciplinaridade como método de apropriação de conhecimento para os estudantes.

De acordo com Rousseff (2011), desde 1997, a Bienal é uma referência internacional das artes visuais, e no ano de 2011, quando houve a comemoração do Tratado de Assunção, a Bienal trouxe a discussão sobre territórios. Para Hollanda (2011), a geopoética compartilha a percepção de que um território geográfico se define, não somente pela política e pela economia, mas também pela combinação criativa das culturas e das artes. Na concepção da autora, é notável que a arte se aproprie do conceito de território para criar reflexões a partir das interpretações de fronteiras, com liberdade de expressão, onde as linguagens dialogam e interagem, ocupando o espaço e o tempo. Segundo ela, as fronteiras se interpretam com maior liberdade e criam relações transterritoriais entre nacionalidades e ampliação da cultura. É exatamente nessa troca e ampliação que a cultura entra como fator de agregação e afirmação, tendo o artista como mediador de um debate que inclui sua própria obra de arte. Sendo assim, compreendemos que o artista e sua arte ultrapassam aquele ideal de beleza da arte clássica que valoriza o equilíbrio, a harmonia e a serenidade, em que a contemplação é suscitada pela perfeição da pintura e da escultura. E passam para zona de desconforto, onde apenas admirar não é possível, porque a arte contemporânea exige maior investigação, ela não possui o objetivo de ser exposta para admiração, mas sim para se questionar arte e vida.

Para compreender a arte contemporânea, é necessário se perguntar: para que serve a arte? Para onde ela aponta? Quais os sinais de indicação da obra? O que ela quer



dizer? De acordo com Tassinari (2001), apontar, indicar, indagar e demonstrar sinais são características que não podem passar despercebidas na arte contemporânea. Segundo Hollanda (2011, p. 09), “A arte contemporânea vem se transformando em um amplo sistema de comunicação entre linguagens autônomas, exigindo cada vez mais acontecimentos como esta Bienal, nos quais o debate se estabelece de forma a compreender e refletir este século”. A questão é: como compreender e refletir a arte contemporânea se não soubermos o que ela significa? Afinal, o que é esta tal de arte contemporânea? É muito comum a seguinte afirmação: “Não entendi nada desta arte”. O público, segundo Cauquelin (1997), se sente afrontado com a diversidade das linguagens encontradas nas obras. Também não codifica a obra de arte. Tais codificações, para Tassinari (2001), são sinais que estão na própria obra e tentam, de alguma forma, mostrar as possíveis relações do espectador com a mesma, a partir de um conhecimento que pode ser buscado na obra, que possui informações infinitas, mas que poderá ser mais bem compreendido a partir de respostas para as seguintes perguntas: Quem é o artista que produziu a obra? Qual é o contexto onde ele vive? Que linguagem ele está utilizando? Quais as relações que poderão ser feitas entre a obra e o mundo em que vivemos? Levar os estudantes da EJA a aproximarem-se da arte contemporânea foi um passo importante para desmitificar a ideia de que arte constitui um dom². Mostramos aos estudantes, por intermédio da visita à Bienal, que a arte é uma linguagem de conhecimento que o artista escolhe estudar, e que qualquer pessoa pode estudar e escolher como profissão ser um artista.

Compreender a arte contemporânea não é tão simples, mas buscar seu entendimento constitui um passo para desmitificar progressivamente o que chamamos de rótulo negativo. Este rótulo é firmado pela falta de informação e acesso à arte. Geralmente, nas escolas há uma predominância da arte moderna, ou seja, a técnica supera a reflexão e aos estudantes é ensinada apenas a técnica como arte. Essa tradição escolar em assumir a arte apenas como técnica dificulta a compreensão sobre tudo que envolve a arte contemporânea, que para Cauquelin (1997), é uma arte que recusa o sistema da arte³. Esse sistema foi questionado por Marcel Duchamp, quando o artista enviou para o museu a obra “A Fonte”. A fonte é um produto industrial que caracteriza um urinol masculino de porcelana, em que Duchamp assinou: “R. Mutt” e enviou ao museu, onde foi aceito como Obra de arte. O artista, ironicamente, perguntou qual era o valor da arte, colocando que a arte é muito mais complexa do que apenas o fazer



técnico. Para Archer (2001), Duchamp provocou o observador a refletir sobre a singularidade da obra em meio à multiplicidade de outros objetos. Acreditamos que a Obra de arte é única e, como tal, deve ser estudada.

Ainda que tenhamos um coletivo de discentes, a vivência tem um valor único, singular, porque cada sujeito tem uma forma diferenciada de criar relações para sua aprendizagem. Em se tratando da EJA, consideramos que propiciar uma aprendizagem menos fragmentada, portanto, rizomáticas, em que o sujeito tenha a oportunidade de perceber diversos conhecimentos em um único objeto, favorece ao grupo e a cada sujeito singular ampliar seus conhecimentos, não somente em uma disciplina específica, mas nas áreas que integram o fenômeno do conhecer. Essas relações são construídas individualmente, de acordo com os referenciais de cada estudante. É a Individualidade que dá autonomia ao sujeito. Concordamos com Freire (1996, p. 41), quando ele diz que: “o sujeito deve assumir-se como um ser social, histórico, pensante, comunicante, transformador, criador e realizador de sonhos”. Foi na procura da formação desse sujeito que o projeto caminhou. Seguindo a complexa trilha da interdisciplinaridade, buscou favorecer maiores oportunidades de aprendizagem aos estudantes.

A aprendizagem não foi somente dos estudantes, foi também das docentes/pesquisadoras envolvidas. O primeiro passo para a realização do trabalho integrado e coletivo foi o planejamento conjunto em todas as aulas. Da mesma forma, juntas identificamos as necessidades de aprendizagem e definimos o que propor para atingir os objetivos. O desafio maior foi o de integrar, por intermédio das atividades, as disciplinas de artes, geografia e português. O propósito foi interdisciplinarizar a pesquisa/intervenção num processo pedagógico, que para Japiassu (1976), oportuniza a interação dos métodos e as diversas especialidades. Para o autor, interdisciplinaridade exige maior reflexão e promove a oportunidade de sairmos da margem de comodidade acadêmica tradicional, para nos abriremos a novos caminhos.

Para Japiassu (1976, p. 43), a interdisciplinaridade é um protesto “contra um saber fragmentado, em migalhas, pulverizado numa multiplicidade crescente de especialidades, em que cada uma se fecha como que para fugir ao verdadeiro conhecimento”. Fugir era tudo que não queríamos. Estávamos com o espírito revoltado e inundadas pela vontade de ensinar e, principalmente, de mostrar aos estudantes que existe um mundo de conhecimento e oportunidades. A Bienal do Mercosul foi apenas uma das atividades de nossa proposta interdisciplinar; porém, seria um salto para um



conhecimento vivenciado e relativizado, onde “a verdadeira vida” “sempre é percebida como um todo, complexo e indissociável” (JAPIASSU, 1976, p. 43).

AS NOSSAS EXPERIÊNCIAS SÃO OS OLHOS DO MUNDO

Levar os estudantes para vivenciar a Bienal e a tudo o que ela oferece de conhecimento, apresentou a oportunidade do contato com a arte contemporânea e a obtenção de uma pesquisa/intervenção direta nas vidas de cada um dos estudantes da EJA. Primeiro, porque a maioria nunca havia saído de Florianópolis para outra cidade. E também, porque na viagem, eles visitaram museus de arte e fundações de arte que jamais pensariam em conhecer. A título de ilustração, destacamos abaixo algumas revelações dos nossos estudantes:

“Eu nunca tinha ido a um museu de arte” (M.A, 2011).

“Esta foi uma viagem que vai ficar marcada na minha vida. Eu fui para Porto Alegre!” (M.P.A, 2011)

“Foi a primeira vez que entrei em um prédio daqueles, as vidraças eram lindas, as colunas na parede tinham muitos detalhes, essas pequenas coisas tinham um pouco de arte nelas” (F.S.O, 2011).

Para além da importância dessas intervenções na relação de vida dos estudantes, a arte contemporânea na Bienal, está as relações que eles fizeram com o conhecimento da vida cotidiana. É natural que a viagem de saída de campo tenha uma característica de passeio, porém, tínhamos objetivos traçados e por isto, antes de viajar, foram realizados trabalhos em grupo que buscaram compreender a arte contemporânea como uma arte que exige reflexões e que possui códigos que precisamos decifrar para poder fruir; entender questões da geografia, como território, fronteiras, política, entre outras; compreender a língua portuguesa, descrevendo e relatando a viagem.

Aos poucos, os estudantes foram apropriando-se da ideia que arte, português e geografia estavam unidas e poderiam ser percebidas nas obras de arte e nos lugares visitados. Com a viagem, criou-se uma rede de informações e conexões entre vida, mundo e aprendizagem vivenciada. Os estudantes perderam um pouco da memória ingênua sobre a escola, como se ela fosse um lugar apenas para crianças e puderam perceber que a arte não é somente a linguagem do desenho, da cor e da forma.



Linguagens diferenciadas foram intensamente vivenciadas pelos estudantes na Bienal, e entre elas havia vídeo arte, vídeos de registros, fotografias, instalações, pinturas, aeropostais e outros. A aluna J.C. expressou o seguinte:

“Dois artistas chamaram minha atenção! Cristina Lucas que aborda a questão do poder religioso, político ou patriarcal. [...] Outro artista é YanagiYukinori, [...] que questiona a noção de fronteiras e identidade. As formigas vão construindo túneis e estabelecendo pontes entre nações”.

É importante percebermos que os artistas escolhidos como preferência da estudante utilizam linguagens e temas contemporâneos. Também não existe, na narrativa dela, nenhuma ingenuidade, mas sim uma relação mais autônoma com a arte do seu tempo. Foi pensando na arte dos seus tempos e na proposta de dinamização e dos processos de aprendizagem vivenciadas, que fizemos uma provocação aos estudantes durante a visita à Bienal. Escrevemos um bilhete com a seguinte pergunta: “Preferimos Calar?”.

Essa mesma expressão encontrava-se em um vídeo do artista Eugenio Dittborn como uma afirmação. Esse vídeo mostrava um relato feito por uma atriz, que narrava a história de um desastre de avião, que rapidamente foi esquecido pela imprensa e pela comunidade onde ocorreu a tragédia. No final do vídeo, a atriz afirma: “preferimos Calar”. Porém, alteramos a pergunta para uma indagação, (Preferimos Calar?) Solicitamos para a mediadora do Santander Cultural⁴, presente na Bienal, que enviasse nossa pergunta aos estudantes pelo correio. Passados alguns dias, eles receberam a encomenda. Logo, iniciaram as reflexões. Os alunos ficaram entusiasmados e ocuparam-se em fazer um bom trabalho. Primeiramente, cada educando levou para sua casa o papel *craft* onde a pergunta estava posta. No próprio papel, que era um enorme cartaz, medindo em torno de 2 metros de comprimento e dobrado em várias partes, suficiente para caber em um envelope de Sedex, os estudantes responderam à pergunta “Preferimos calar?” em forma de desenho, colagem e desenho com letras.

Após o primeiro estudante responder a pergunta, ele escolheu quem seria o segundo que responderia a pergunta e enviou pelo correio o mesmo cartaz com a mesma pergunta inicial e sua resposta. O segundo estudante enviou para o terceiro e assim sucessivamente, até chegar ao último estudante. Todos responderam e refletiram sobre a pergunta e sobre as imagens que surgiram como resposta no cartaz. Todos os estudantes utilizaram os correios para enviar o trabalho uns para os outros. Ao final do processo, perceberam que através dos correios, eles construíram uma rede em que suas ideias e



reflexões transitaram entre um endereço e outro, sem medo de serem coagidos pelas regras existentes na comunidade, como por exemplo, não poder circular livremente entre uma comunidade e outra, porque os traficantes não permitem e demarcam os espaços. Para dar continuidade ao trabalho, os estudantes decidiram que produziram um vídeo, mas seria um vídeo denúncia, chamado “Não Quero Calar”. A ideia foi denunciar o que lhes incomodava em sua comunidade ou em sua própria vida particular. Deve-se destacar que os alunos que não foram à Bienal incluíram-se na atividade de forma espontânea, apenas escrevendo sua denúncia, mas não gravando. Novamente, a título de ilustração, destacamos as denúncias manifestadas pelos estudantes:

“Eu queria ter poder para tirar minha comunidade do vício, pois meus colegas não têm recursos para sair dos vícios e os governantes não estão nem aí para comunidade [...]” (R.T.S, 2011).

“Não temos mais segurança em sair de casa para trabalhar e deixar nossos filhos em casa enquanto trabalhamos. Ao lado da minha casa tem meninos vendendo drogas para traficantes, que fazem eles traficar com sol ou com chuva [...]” (J.L.S, 2011).

“Não podemos calar para essa violência que vem ocorrendo em todo Brasil. Cada vez mais praticada por adolescentes. O poder jurídico tem que rever as leis que estão ultrapassadas há muito tempo [...]” (M.P.A, 2011).

Tempo é um limitador de muitas ações. Porém, nosso tempo na Bienal do Mercosul, oportunizou a elaboração de um espaço de conhecimento sobre artes, geografia, português, política, vida etc. Mas, principalmente, para que pudéssemos oportunizar aos estudantes um direito, o direito de ampliar sua cultura, o direito de vivenciar e ter acesso a novas possibilidades de conhecimento, o direito à educação.

O Direito não deve ser um ente distante e inatingível para a maioria das pessoas. O Direito a ter direitos, deve permear o dia a dia dos seres humanos, ou seja, deve ser valorizado e estar presente no cotidiano dos homens. O cotidiano é composto por segundos, minutos e cada dia na vida das pessoas. Isto significa que o Direito deve estar presente o tempo todo e para todos, e não apenas em momentos de conflitos, de extrema necessidade, de violência exacerbada, de flagrantes injustiças; ou mostrar-se somente para uma pequena parcela privilegiada da população (COLAÇO, 2006, p. 01).

Se o direito não deve privilegiar somente uma parte da população, a educação também não deve servir apenas a uma parte da sociedade. Por isso, desejamos que a Educação de Jovens e Adultos tenha qualidade e possa possibilitar aos seus estudantes conhecimentos diversos. A proposta interdisciplinar desenvolvida com os estudantes da EJA foi uma intervenção que proporcionou essa busca por uma educação em que os estudantes têm um espaço para que possam se expressar através da sua arte.



Acreditamos que os estudantes não só se perceberam como capazes, mas são capazes de demonstrarem seus conhecimentos e descobrirem um mundo de possibilidades, um mundo de criticidade, um mundo do qual eles fazem parte. “[...] o mundo visível e de meus projetos motores são partes totais do mesmo ser” (Ponty, 2004, p. 16).

Fazer parte do mundo é inevitável, porém, dar sentido a esse fazer parte, perceber-se como parte do mundo, como sujeito transformador, entendemos como sendo uma necessidade a ser exercitada com os sujeitos estudantes. Afinal, conforme Ponty (2006), o sentido das coisas e das relações surge em nós através de nossas relações com o mundo e com os outros.

Foi a partir da nossa relação com os alunos que conseguimos identificar quanto o trabalho interdisciplinar foi importante para que abrissemos novos horizontes de conhecimentos. Nós, como docentes/pesquisadoras, também fazíamos parte do papel de alunas: éramos alunas de nós mesmas, na busca da transformação, na busca de situações que pudessem nos deixar o mais próximo possível de exercer o papel do professor profeta.

[...] O professor crítico, o professor consciente das suas relações sociais, de seu papel político, agiria como um professor profeta. Como alguém que vislumbrado a possibilidade, de um novo mundo, fazia a crítica do presente, a possibilidade de um mundo novo. O professor profeta é alguém que anuncia as possibilidades, alguém que mostra um mundo novo (GALLO, 2008, p. 60-61).

O mundo novo que acreditamos ter encontrado com este projeto é o mundo de poder exercer a nossa profissão de professoras militantes, militantes na busca do saber, para, a partir dele, construir o conhecimento coletivo. Na voz de Gallo (2008, p. 65), “o professor militante por sua vez está na sala de aula, agindo nas microrrelações cotidianas, construindo um mundo dentro do mundo, cavando trincheiras de desejo”.

Coletivamente, aprendemos que viver a educação é uma atitude de flexibilidade, tanto para os estudantes, quanto para os professores, porque a cada conceito, conteúdo ou proposta que levamos para sala de aula, estamos fazemos um recorte, uma escolha do que ensinar e só estaremos ensinando alguma coisa quando nos percebermos aprendendo com o que os nossos estudantes têm a nos dizer. Educar é um vai e vem e um devir.

Por acreditarmos neste trabalho, decidimos que ele não deveria terminar em 2011. Procuramos professores de artes da EJA da cidade de Joinville/SC e pedimos que recebessem a proposta dos nossos estudantes, proporcionando aos seus educandos que



refletissem sobre a pergunta “Preferimos calar?”, e construísem suas respostas e nos enviassem o registro. Esta mesma proposta foi feita para professores de artes da rede municipal de Florianópolis/SC. Desta maneira, podemos afirmar que nosso projeto, na perspectiva que o conduzimos, tende a uma educação de natureza interdisciplinar, e em muitos aspectos com características de rizoma.

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e...e...”.[...] Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio (DELEUZE, 1995,p. 37).

Acreditamos na educação como uma oportunidade de construir um mundo mais justo. Trabalhar como professoras da EJA é uma luta diária em favor a cidadania e a igualdade social. Preferimos arriscar e manter este projeto ativo. A continuidade deste projeto ocorreu no envio do mesmo para outras instituições de EJA e Museus de arte, para que professores propusessem aos seus estudantes responderem a pergunta: Preferimos calar? O Instituto de Arte Contemporânea deINHOTIM, situado na cidade de Brumadinho/MG, recebeu o projeto para desenvolver com seus estudantes. O retorno se encontra no endereço eletrônico: <<https://www.youtube.com/watch?v=us6uDzkef44>> (GABRIEL, 2013).

Dessa forma, este projeto de intervenção propiciou um espaço de expressão através da arte e suas possibilidades de criação. Perceber nossos estudantes a partir da arte é respeitá-los como sujeitos. Conforme Freire (1996), o fato de se perceber no mundo e com o mundo e os outros nos põe em posição de relação com ele. Afinal, nossa presença no mundo não é de quem se adapta, mas a de quem se insere e se torna sujeito da história.

Sujeito da história foi o que se respeitou e o que se valorizou nesta pesquisa. Nada teria se constituído se nós, professoras, não tivéssemos deixado as vozes e expressões dos sujeitos da EJA se manifestarem e gritarem suas reflexões e vivências estéticas com a arte.

REFERÊNCIAS

ARCHER, Michel. **Arte contemporânea: uma história concisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.



AUGÉ, Marc. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papiros, 1994.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano 1**: artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CAUQUELIN, Anne. **A arte contemporânea**. Portugal: Rés-Editora, 1997.

COLAÇO, T. L. **Direito e Cotidiano**: uma experiência a ser relatada. In: Congresso Nacional do Conpedi, 14, Fortaleza, 2006. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2006.

DELEUZE, Gilles. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia, vol.1. Gilles Deleuze, Félix Gattari; tradução de Aurélio Guerra neto e Cecília Pinto Costa. São Paulo: Ed.34,1995.

FRANCO, Santoro Amélia Maria. **Educação e pesquisa**. São Paulo, v. 31, n.3, p.483-502. set/dez. 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GABRIEL, Sil. **Instituto Inhotim**: Programa Laboratório 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=us6uDzkef44>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

GALLO, Silvio. **Deleuze e a educação**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

HOLLANDA, Ana. **8ª bienal do Mercosul**: ensaios de geopoética: Catálogo/coordenação Alexandre Dias Ramos. Curador geral José Roca; colaboração de Alexia Tala, Aracy Amaral, Cauê Alves, Fernanda Albuquerque, Pablo Helguera, Paola Santoscoy. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2011.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JIMENEZ, Marc. **O que é Estética?** Tradução: Fulvia M. L. Moertto. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 1999.

LUZ, G.M. **Psicologia ambiental e educação**: uma forma de resgatar cidadania. In: Seminário Internacional de Educação Intercultural, Gênero e Movimentos Sociais, 2, Florianópolis, 2003.

Merleau-Ponty, Maurice. **O olho e o espírito**. São Paulo: Cosac & Naif, 2004.

_____. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ROUSSEFF, Dilma. **8ª Bienal do Mercosul**: ensaios de geopoética. Catálogo/coordenação: Alexandre Dias Ramos. Curador geral José Roca; Colaboração



ALFAEJA

II Encontro Internacional de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos

de Alexia Tala, Aracy Amaral, Cauê Alves, Fernanda Albuquerque, Pablo Helguera, Paola Santoscoy. Porto Alegre: Fundação Bial do Mercosul, 2011.

TASSINARI, Alberto. **O Espaço Moderno**. São Paulo: Cosac Naify, 2001.

1 Para poder ter uma experiência estética, é necessário estarmos frente à obra de arte e vivenciar o momento do contato (eu e a obra de arte). Sugerimos a leitura de: JIMENEZ, Marc. **O que é Estética?** Tradução: Fulvia M. L. Moertto. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 1999.

2 Compreendemos o “Dom” como dádiva divina. Escolhido de deus para obter um talento.

3 Segundo Cauquelin (1997), o sistema da arte é o reflexo da transição econômica com relação às obras, mas, também fazem parte do sistema, o produtor, colecionador, amador, críticos, comissários, conservadores, instituições, museus, estados e outros.

4 “O Santander caracteriza-se como um polo cultural, que, em intercâmbio com outras instituições, promove a integração da região ao circuito global das artes. Situado em um prédio de arquitetura neoclássica, construído entre os anos 1927 e 1932, o local abrigou as sedes dos bancos Nacional do Comércio e Sul Brasileiro e foi tombado pelo patrimônio histórico”. Neste lugar se encontravam Obras participantes da Bienal do Mercosul. Disponível em: <<http://www.hagah.com.br/rs/porto-alegre/local/3912,2,santander-cultural.html>>, acessado em 12/6/2012.